

AS OBRAS E OS DIAS, DE HESÍODO, POR JOÃO FÉLIX PEREIRA

Alessandro Rolim de Moura*
Universidade Federal do Paraná

ABSTRACT: This article republishes and briefly discusses the work of João Félix Pereira on Hesiod: the Portuguese translation of passages from the *Works & Days* with introduction and Greek text (Lisbon, 1876).

KEYWORDS: Hesiod; João Félix Pereira; translation; textual variants.

Com o recente aumento do interesse pelo poema *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo, no mundo lusófono, interesse que se pode constatar pelo bom número de traduções para o português nos últimos dez anos,¹ estamos num momento propício para recuperar a memória do trabalho de João Félix Pereira, autor da primeira tradução do texto para a nossa língua. Meu trabalho aqui consiste na reedição de todo o material publicado por Pereira em seu opúsculo de 1876 (tradução, texto grego e prefácio).

Pereira,² nascido em Lisboa em 1822 e falecido na mesma cidade em 1891, foi um prolífico escritor, tradutor e ensaísta. Estudou Letras, Medicina, Engenharia Civil, Agronomia e Comércio, tendo atuado no magistério por muitos anos e se dedicado à divulgação de vários campos

* alessandro.rolimdemoura@ufpr.br

¹ Pinheiro e Ferreira, 2005; Mantovaneli, 2011; Rolim de Moura, 2012; Werner, 2013.

² Para algumas indicações sobre a biografia e a obra de Pereira, ver Pereira, 1888, p. i-xxxii; *Encyclopedia e diccionario internacional* (vol. XV, p. 8693, s.v. Pereira, João Felix); *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira* (vol. XXI, p. 148-9, s.v. Pereira, João Félix).

do saber. Sua enorme obra (preservada em grande parte na coleção que leva seu nome na Biblioteca Nacional de Portugal)³ inclui, por exemplo, traduções da *Ciropedia* de Xenofonte e do *Pro Archia* de Cícero,⁴ de textos de outros clássicos, como Heródoto, Homero, Píndaro, Tito Lívio e Virgílio, além de versões de obras escritas em diversas línguas modernas, como o russo, o alemão e o italiano. Publicou livros e artigos em diversas áreas, incluindo Botânica, Geografia, Filologia e História (como o *Resumo da história de Portugal*, publicado também em inglês em 1854 como *Abridgement of the history of Portugal*).⁵

Sua tradução do poema de Hesíodo, que ele intitula *As obras e os dias*, não contém o poema inteiro, mas apenas aqueles versos que o autor julga terem relação mais direta com a Agricultura (somente 182 versos). Embora isso seja frustrante para qualquer amante da poesia que queira conhecer a obra de Hesíodo, em função da imagem fragmentária que essa seleção impõe, Pereira traduz utilizando versos metrificados, os “hendecassílabos” mencionados no subtítulo. Pereira utiliza, portanto, a terminologia vigente até sua época, que assim chamava o que hoje seria descrito por muitos como um verso decassílabo grave ou paroxítono, isto é, aquele em que, após a décima sílaba, que é acentuada, vem uma sílaba átona. Excepcionalmente, vêm duas átonas (caso em que o verso seria um “esdrúxulo”), o que ocorre na tradução de Pereira apenas quatro vezes, duas quando a segunda sílaba átona no final é um pronome em ênclise — em “empresta-me” e “recusando-se” — e duas outras em versos terminados por proparoxítonas — em “diâmetro”, “côvados”.⁶ Tal verso é evidentemente mais curto do que o hexâmetro datílico grego, sendo esse um dos fatores que levam Pereira a utilizar mais linhas na sua tradução do que o original grego. Os números colocados por Pereira na margem da tradução, assim, não correspondem a uma contagem exata, mas servem apenas para auxiliar o leitor na identificação das correspondências entre o texto grego e o português.

³ Trata-se da *Coleção PEREIRA, João Félix*. Biblioteca Nacional de Portugal, <http://acpc.bn.pt/colecoes_autores/n32_pereira_joao_felix.html> (último acesso em 02/ 05/ 2014).

⁴ A obra sobre o *Pro Archia* corresponde à referência Pereira, 1888. A tradução de Xenofonte pode ser encontrada no Brasil com certa facilidade numa edição mais recente: Pereira, 1956.

⁵ Pereira, 1854.

⁶ Para essa questão terminológica na história da versificação em português, ver Ali, 1999, p. 17-21.

Precedidos de breve prefácio, os versos são apresentados por Pereira em formato bilíngue, com um texto grego transliterado para o nosso alfabeto. O sistema de transliteração utilizado por ele é bastante comum, exceto talvez pela total ausência de diacríticos para representar os acentos gregos e pela prática de diferenciar as vogais eta e ômega de seus pares breves e fechados épsilon e ômicron transcrevendo aquelas como é e ó. Do ponto de vista dos estudos de grego atuais, talvez seja um pouco difícil entender por que Pereira imprime esse texto transliterado, principalmente sem acompanhá-lo dos versos no alfabeto grego, mas é muito provável que as circunstâncias da publicação fossem limitadas em termos tipográficos (uma realidade que não é estranha aos helenistas brasileiros, que, antes do advento dos arquivos PDF e das fontes *Unicode*, frequentemente tinham que se deparar com livros e artigos com erros crassos na impressão do grego). Excluindo-se alguns casos que parecem ser equívocos do tradutor português ou erros de impressão, nota-se também uma série de outras diferenças nas lições do texto grego quando o comparamos à prática dominante nos editores mais recentes.

Comparando-se o texto de Pereira às edições de West, 1978, e Solmsen, 1990 — as quais podemos considerar representantes de uma espécie de texto *standard* contemporâneo —,⁷ podem-se notar lições diferentes em aproximadamente 30 passos (diferenças quer em relação a ambas as edições recentes, quer a apenas uma delas), sem contar as diferenças de pontuação, que são muito frequentes. Uma das razões dessas diferenças é o fato de que o livro de Pereira não pôde incorporar, é claro, conjecturas de filólogos modernos posteriores ao trabalho do português. Também há casos, contudo, de conjecturas mais antigas que foram deliberadamente ignoradas por Pereira ou publicadas em livros a que ele não teve acesso. Por não incorporar conjecturas que estão muito disseminadas nas edições que circulam hoje, Pereira apresenta um texto que, em muitas passagens, está mais próximo da tradição manuscrita. Um segundo grupo de variantes presentes no texto de Pereira corresponde a escolhas distintas daquelas de West e/ou Solmsen diante de diferentes opções atestadas em manuscritos. Como as opções de West e/ou Solmsen nesse campo também acabaram por se impor na maioria das edições contemporâneas, temos aí mais um fator que dá ao texto grego do livro de Pereira um aspecto bastante distinto. Comparando-o com edições importantes do século XIX (Lanzi, 1808, Goettling, 1843, e Paley, 1883

⁷ Cujas características básicas remontam ao trabalho de recensão de Aloisius Rzach (ver esp. Rzach 1913).

[1. ed. 1861]), com uma edição representativa do século XVI (publicada em Basel, provavelmente em 1544)⁸ e com dois manuscritos do século XV (Arundel MS 522 e Harley MS 6323, ambos da British Library), podemos perceber várias similaridades, algumas das quais terei a oportunidade de comentar mais adiante.⁹

Um exemplo do primeiro caso, aquele concernente a conjecturas modernas, encontra-se em *Op.* 485 εἰ δέ κεν, passo corrigido para εἰ δὴ κ' por Wilamowitz em sua edição de 1928.¹⁰ Já em *Op.* 468 ὄρηκα, o texto que hoje é dominante, ὄρηκι, com o dativo em vez do acusativo, remonta a uma correção do século XVIII proposta por Brunck,¹¹ mas ignorada por Pereira. Quanto a passagens em que há divergências na própria tradição manuscrita, destaquemos o caso de *Op.* 394 μεταξὺ (que se encontra nos mss. CDEH¹² e nos escólios a Hesíodo), que as edições de hoje invariavelmente corrigem para μέταζε, uma lição que se encontra apenas em Herodiano (*Grammatici Graeci* 3.1, 499, 9), num escólio a

⁸ Cf. Boccardo e Ramus, 1544. Publicaram-se diversas edições de Hesíodo em Basel no séc. XVI (ver Bennet, 1932, p. 176), uma das quais (provavelmente de 1564) tem um exemplar na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Também a Biblioteca Nacional de Portugal tem um exemplar de uma dessas edições, cuja data estimada é 1542.

⁹ Embora o cotejo com essas edições e manuscritos não seja suficiente, é claro, para determinar com exatidão as origens, as datas e os caminhos percorridos pelas variantes apresentadas por Pereira, essas fontes documentam o pertencimento do texto grego de Pereira a uma outra época da transmissão e interpretação da obra hesiódica. Meus comentários não pretendem abordar todas essas variantes, mesmo porque várias delas não produzem diferenças de sentido ou mudanças gramaticais interessantes. Portanto, para não sobrecarregar o leitor com muitas notas, chamo a atenção apenas para algumas lições, que serão suficientes para exemplificar o quão distante é o texto de Pereira em relação à prática de hoje.

¹⁰ Wilamowitz, 1928, ad loc.: *Die Anwendung der vorhergehenden allgemeinen Äußerung auf den Einzelfall kann nicht mit εἰ δέ, sondern nur mit εἰ δὴ gemacht werden.* Isso obriga Wilamowitz a mudar κεν para κ', para não gerar uma sequência impossível no hexâmetro datílico (uma breve entre duas longas). A lição do filólogo alemão é acolhida por Solmsen, 1990, e é reproduzida em várias edições de hoje, como Σκαρτσής, 1993, Cassanmagnano, 2009, Ercolani, 2010, e Mantovaneli, 2011. Colonna, 1959, mantém εἰ δέ κεν, no que é seguido por West, 1978 (exceto pela acentuação).

¹¹ Brunck, 1784, p. 330. A conjectura de Brunck foi posteriormente encontrada por West, 1978, num manuscrito do séc. XIV, identificado em sua edição pela sigla ψ.

¹² Siglas de Solmsen, 1990.

Dionísio Trácio (como *uaria lectio*) e num escólio à *Iliáda* (3.29b).¹³ Nota-se que aqui o texto impresso por Pereira segue a tendência dominante da tradição, ignorando (deliberadamente ou não) os *testimonia* (que fazem parte da tradição indireta). Por outro lado, Pereira também apresenta variantes atestadas em manuscritos mas não registradas no aparato crítico de nenhuma das edições críticas recentes que consultei.¹⁴ Um exemplo disso se encontra na ordem das palavras em *Op.* 448 φωνήν γεράνου (em vez de γεράνου φωνήν), que aparece em três manuscritos do final do séc. XV referidos na antiga edição de Paley¹⁵ (aos quais ele atribui as siglas EFK). Segundo Goettling, 1843, ad loc., a lição aparece em “poucos” códices (entre os quais ele cita um manuscrito da Bibliotheca Vadiana de St. Gallen). Esses manuscritos são hoje considerados secundários e muito raramente levados em conta. Pelo teor de seu comentário, nota-se claramente que Goettling associa a variante a um período ultrapassado da história do texto, enquanto Brunck, 1784, p. 330, observa que é a lição da vulgata. Pode-se encontrar a mesma variante na edição de Basel (Boccardo e Ramus, 1544, p. 32) e no manuscrito Harley MS 6323 (último quartel do séc. XV), f. 54v.¹⁶ A omissão, por parte das edições críticas de hoje, de uma série de variantes que observarei abaixo, é sobretudo devida ao fato de as recensões de Rzach e seus continuadores terem definido quais manuscritos eram os mais importantes, de forma que, em relação aos manuscritos que não são investidos dessa autoridade, acaba-se aplicando, de certa forma, o lema de Cobet: *Comburendi, non conferendi*.¹⁷ Por outro lado, se o objetivo da Crítica Textual vai além de encontrar o texto “genuíno”, mas pode também ser o estudo do texto múltiplo que se apresenta na tradição, mesmo em suas manifestações periféricas (como é o caso de Pereira), a perspectiva muda completamente.

Quanto ao prefácio de Pereira, para o helenista de hoje é fácil perceber que certas opiniões ali registradas, as quais Pereira expressa às vezes

¹³ Como explica West, 1978, ad loc., μέταξε tem um sentido que se encaixa melhor na passagem, i.e. “depois”, enquanto μεταξύ significa “no intervalo, no meio”. Em Boccardo e Ramus, 1544, p. 28, também se imprime μεταξύ.

¹⁴ Além de West, 1978, e Solmsen, 1990, também Rzach, 1913, Wilamowitz, 1928, e Colonna, 1959.

¹⁵ Paley, 1883.

¹⁶ Disponível *on-line* no *website* de manuscritos digitalizados da British Library: <http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Harley_MS_6323> (último acesso em 04/ 05/ 2014).

¹⁷ *Apud* Maas, 1958, p. 52.

em tom categórico e/ou cita como pertencentes à maioria dos críticos, têm pouca ou nenhuma guarida na Filologia contemporânea (e.g. o suposto caráter espúrio dos versos 1-10 ou do episódio de Prometeu e Pandora). Sua defesa da originalidade de Virgílio, por outro lado, soa como dos dias de hoje.

Convém agora expor os critérios utilizados nesta reedição do trabalho de Pereira. Dou abaixo uma transcrição do prefácio, da tradução e do texto grego em caracteres romanos, tal como aparece no livro, a que acrescento uma versão nos caracteres gregos que mantém as lições impressas por Pereira. A pontuação, que, como disse acima em relação ao texto grego, é bastante diferente daquela encontrada nas edições de hoje, também tem peculiaridades no prefácio e nos versos portugueses. Procurei mantê-la sem qualquer mudança (exceto nos casos de evidentes erros de impressão). Corrigi os erros do grego quando eles não puderam ser atestados na tradição manuscrita ou nas edições consultadas e provêm, ao que tudo indica, de enganos do próprio Pereira ou de deslizos tipográficos. Não adaptei a ortografia do texto português, corrigindo apenas os lapsos mais evidentes e uniformizando o uso de maiúsculas.¹⁸ Os colchetes servem para assinalar correções, tanto no texto português quanto no grego em caracteres romanos. Quando necessário, comento algumas dessas correções. Ao contrário do que fiz acima ao comentar as variantes impressas por Pereira, ao transcrever o texto grego mantive a numeração presente no livro: versos 381-490, 555-615, 772-3, 778-80, 784-5, 803-6, 810. Nas edições de hoje, essas passagens correspondem, respectivamente, a 383-492, 557-617, 774-5, 780-2, 786-7, 805-8, 812. Portanto, Pereira utiliza um texto grego que, em relação ao texto *standard* com que estamos acostumados, omite dois versos antes do atual 383.¹⁹

Passemos então à transcrição do trabalho de Pereira, começando pelo prefácio. Em seguida vem o texto grego, primeiro em caracteres romanos e depois transliterado para o alfabeto grego. Por fim, ofereço a tradução.

¹⁸ Quanto ao uso de maiúsculas no início dos versos, procedimento adotado por Pereira (e corrente em sua época, mas hoje em desuso), está mantido no texto em português e no grego em caracteres romanos, mas não no texto no alfabeto grego. Note-se que em Boccardo e Ramus, 1544, não se usam diacríticos com maiúsculas iniciais. Se Pereira usou uma edição como essa, pode estar aí a explicação para deslizos como o do seu verso 394 (Ós em vez de *Hós*).

¹⁹ Cf. abaixo nota seguinte.



[Prefácio, p. 3-4 na fonte]

As Obras e os Dias

É ainda hoje opinião d'alguns criticos e commentadores, que Virgilio, nas Georgicas, não fez mais do que imitar Hesiodo ; que os primeiros versos d'este poema são uma explanação do titulo da obra do poeta grego, *Erga kai Hémerai* ; que a comparação seria mais completa, se não se tivesse perdido parte da obra d'este poeta ; e que o próprio Virgilio, no verso 176 do segundo canto — *Ascraeumque cano romana per oppida carmen* — confessa, que imitara Hesiodo.

Esta opinião é de todo ponto inadmissivel. Para exprimir a grande differença entre as duas obras, primeiro citaremos a indisputavel auctoridade do commentador allemão, Heyne : *nihil exilius, jejunius et aridius Hesiodo, nihil copiosius et plenius Virgilio*.

Quanto ao *carmen ascraeum* do verso 176 do segundo canto das Georgicas, não significa, a nosso ver, senão os preceitos da agricultura, postos em verso, alludindo a Hesiodo, natural de Ascra na Beocia, que foi o primeiro, que na Grecia escreveu sobre os trabalhos do campo. Naquelle verso, Virgilio promete cantar sobre o mesmo assumpto, em que já cantara o poeta de Ascra, uns dez seculos antes d'elle.

É verdade, que em Hesiodo se depara com preceitos de agricultura, que já se encôntrão em Hesiodo ; e alguns até literalmente traduzidos, como succede no verso 299 do canto primeiro — *Nudus ara, sere nudus* — que é traducção literal de — *Gymnon speirein, gymnon boótein* — do verso 389 de Hesiodo. Mas que havia de fazer Virgilio, que escrevia um poema didascalico sobre agricultura, senão reproduzir o que já se sabia da arte de cultivar a terra ? Assim, não só reproduziu alguma doutrina de Hesiodo, mas tãobem d'outros escriptores gregos, Xenophonte, Aristoteles, e de auctores latinos, Catão, Varrão, etc. Mas as Georgicas não são, de certo, um mero resumo da sciencia mais antiga, e muito menos uma imitação do poema — *Erga kai Hémerai*— de Hesiodo. Virgilio juntou, aos antigos conhecimentos, o fructo de sua prática e experiencia ; e compoz uma obra, que encerra, não só preceitos sobre o modo de amanhar os campos, mas tãobem muita doutrina de economia rural. As Georgicas são, no dizer de profundos criticos modernos, o mais perfeito poema, que a antiguidade nos legou.

Hesiodo não era um poeta de profissão, como foi Homero, talvez seo contemporaneo ; era antes, como diz um escriptor allemão, Otfried

Mueller, um bom pae de familia, a quem o coração se confrangia tanto por certos factos, que suas emoções e pensamentos tomavão naturalmente a forma de poesia.

O pae de Hesiodo residia em Cumas, cidade da Asia Menor ; mas correndo-lhe mal os negócios de sua casa, emigrou para Ascra na Beocia, onde se dedicou á agricultura, e por sua morte legou consideraveis riquezas aos seus dous filhos, Hesiodo e Perses. Perses, que era o mais novo, homem prodigo e ocioso, indo dissipando sua fortuna, poz demanda contra Hesiodo e, peitando os juizes com grossas dadas, o privou da herança, que lhe coubera. Perses dissipou também os cabedões assim obtidos. Hesiodo, apesar de defraudado de grande parte da sua fortuna, ficou ainda senhor de avultados haveres, fructo de seu trabalho ; e como irmão extremoso, socorria Perses e lhe dava salutaes conselhos. Foi este espirito de reconciliação e o desejo de fazer entrar Perses na carreira da honra e do amor do trabalho, que dictou a Hesiodo a feitura de seu poema, *As Obras e os Dias* — *Erga kai Hémerai*.

As Obras e os Dias, talvez o unico poema authentico de Hesiodo, são antes um livro de moral e de economia que de agricultura. O poeta não se propoz, de certo, escrever sobre a arte de cultivar os campos. [S]e formula alguns preceitos agricolas, é para illustrar os conselhos, que dá a seu irmão, mostrando-lhe practicamente, como pode sair da vida ociosa e desregrada, que leva.

Vamos ver a que limitadas dimensões fica reduzido este poema, depois de cortado o que é alheio á agricultura.

Todo o poema consta de 826 versos.²⁰

Podemos dividi-lo em 5 partes :

1.^a parte : do 1.^o verso ao 10.^o Invocação aos deuses. Estes 10 versos são rejeitados, como espúrios, por quasi todos os intérpretes de Hesiodo.

2.^a parte : do 11.^o ao 380.^o Nesta parte, não há senão principios de ethica, e dous episodios : um, o mytho de Prometheo e Pandora, de 47 a 105 ; o outro, as edades do mundo, de 109 a 201. Ambos estes episodios

²⁰ As edições de hoje trazem, no mínimo, 828 versos. Pereira não inclui na conta dois versos anteriores aos trechos que traduz, pois suas passagens se iniciam no verso que, hoje, recebe o número 383, mas é designado por ele como 381. Possivelmente os dois versos deixados de lado seriam os atuais 120 e 169: ambos são até hoje considerados espúrios por muitos especialistas e são justamente os dois versos que geram em Paley, 1883, uma dupla numeração a partir dos pontos em que aparecem. A mesma prática é adotada em Goettling, 1843, e na primeira edição de Paley, publicada em 1861, e pode ter influenciado a escolha de Pereira. Lanzi, 1808, conserva ambas as linhas.

são geralmente reputados apocryphos.

3.^a parte : do 381.^o ao 615.^o É nesta parte que Hesíodo falla de agricultura. Ainda assim, os preceitos agricolas são entremeados de maximas de economia doméstica ; e ha um episodio, de 491 a 555, em que se faz a descripção do inverno. Este episodio tãoobem não é do nosso poeta, na opinião de abalizados críticos.

4.^a parte : do 616.^o a[o] 762.^o Aqui Hesíodo falla da navegação e do commercio maritimo, e diz a seo irmão, que a vida do mar é mais lucrativa que a dos campos.

5.^a parte : do 763.^o ao 826.^o É a parte, que Hesíodo intitula Hémerai (Dias). É uma especie de calendario, relativo, não ás estações do anno, mas aos dias do mez lunar ; por isso pouca importancia podia ter para a agricultura. Neste calendario se considerão os differentes dias, como faustos ou infaustos para certas occupações e certos factos, presidindo a esta apreciação dos dias a mais grosseira superstição d'aquelles tão arredados tempos. Assim, um dado dia era feliz para contrahir o casamento, outro para o nascimento dos filhos, outro para encetar as pipas de vinho[,] etc. Quanto a agricultura, muito pouco se diz. Apenas se lhe referem doze versos, que são, 772, 773, 778, 779, 780, 784, 785, 803 a 806, 810.

Vemos, pois, que entre os 826 versos da obra de Hesíodo, não ha sobre agricultura, senão 170 versos na 3.^a parte e 12 na 4.^a parte. É d'estes 182 versos, que vamos dar a traducção, aproximando-nos da letra, quanto possivel.

[Texto grego, p. 7, 9, 11, 13 e 15 na fonte]

Pléiadón Atlageneón epitellomenaón,	381
Archesthai amétou arotoio de, dyssomenaón.	
[Hai dé] ²¹ toi nyktas te kai émata tessarakonta	
Kekryphatai : autis de periplomenou eniautou	
Phainontai, ta próta cherassomenoio sidérou[.]	385
Houtos toi pedión peletai nomos, hoi te thalassés	
Eggythi naietaós', hoi t' agkea bésséenta	
Pontou kymainontos apoprothi pioná chón	
Naiósín, gymnon speiren, gymnon de boóteín	
Gymnon d' amaein, ei ch' hória pant' etheléstha	390
Erga komizesthai Déméteros : ós toi hekasta	
Hóri['] aexétai, mé pós ta metaxy chatízón	
Ptóssés allotrious oikous, kai méden anyssés.	
[H]ós kai nyn ep' em' élthes. egó de toi ouk epidósó,	

²¹ *Haidé*: sem espaço na fonte; ao que parece, um erro tipográfico.

Oud' epimetrésó. ergazeu, népie Persé,	395
Erga, tat' anthrópoisi theoi dietekméranto :	
Mé pote syn paidessi gynaiki te thymon acheuón,	
Zéteués bioton kata geitonas, hoi d' amelósín.	
Dis men gar kai tris tacha teuxeai : én d' [eti lypés], ²²	
Chréma men ou préxeis, sy d' etósia poll' agoreuseis.	400
Achreios d' estai epeón nomos. Alla s' anóga	
Phrazesthai chreión te lysin, limou t' aleórén.	
Oikon men prótista, gynaika te, boun t' arotéra,	
Ktétén ou gametén hétis kai bousi hepóito.	
Krémata d' ein oikó pant' armena poiésasthai :	405
Mé sy men aités allon, ho d' arnétai, sy de téta,	
Hé d' hóré parameibétai, minythé de toi ergon.	
Méd' anaballesthai [es] t' aurion, [es] t' ennephein. ²³	
Ou gar etósioergos anér pimplési kalién.	
Oud' anaballomenos : meleté de toi ergon ophellei.	410
Aiei d' amboliergos anér atési palaiei.	
[É]mos ²⁴ dé légei menos oxeos éelioio	
Kaumatos idalimou, metopórinon ombrésantos	
Zénos eristheneos, meta de trepetai broteos chrós	
Pollon elaphroteros : (dé gar tote [S]eirios astér	415
Baion hyper kephalés kéritrepheón anthrópón	
Erchetai ématios, pleion de te nyktos epaurei.)	
Émos adéktotaté peletai tmétheisa sidéro	
Hylé, phylla d' eraze cheei, ptorthoio te légei.	
Témos ar' hylotomein memnémenos hórion ergon.	420
Holmon men tripodén tamnein, hyperon de tripéchyn[,]	
Axona th' heptapodén : mala gar ny toi armenon houtó,	
Ei de ken oktapodén apo kai sphyrán ke tamoio,	
Trispithamon d' hapsin tamnein dekadóro hamaxé,	
Poll' epi kampyla kala : pherein de gyén, hot' an heurés,	425
Eis oikon, kat' oros dizémenos, é kat' arouran,	
Prininon : hos gar bousin aroun ochyrótatos estin :	
Eut' a[n] ²⁵ Athénaiés dmóos en elymati péxas	

²² Sem espaço entre as palavras na fonte.

²³ Na fonte, *hes*.

²⁴ Falta o diacrítico na fonte.

²⁵ Na fonte, *an'*, um erro. Deve-se observar que em Boccardo e Ramus, 1544, p. 32, nesse mesmo verso, a partícula ἄν aparece impressa com o espírito e o acento grave sobre o v. Semelhante deslocamento dos diacríticos (em relação ao que se imprime hoje) pode ser verificado em outras palavras na mesma edição (e.g. ἀνδρός). Na edição de 1564 da Biblioteca Nacional, nota-se inclusive que o espírito e o acento

Gomphoisin pelasas prosaréretai histoboéi	
Doia de thesthai arotra ponésamenos kata oikon,	430
Autogyon kai pékton : epei poly lóion houtó.	
Ei ch' heteron g' axais, heteron g' epi bousi baloio.	
Daphnés d' é pteleés akiótatoi istoboées.	
Dryos elyma, prinou de gyén, boe d' ennaetéro	
Arsene kektésthai (tón gar sthenos ouk alapad[n]on) ²⁶	435
Hébés metron echonte : tó ergazesthai aristó.	
Ouk an tó g' erisantes en aulaki kammem arotron	
Axeian, to de ergon etósion authi lipoien.	
Tois d' [hama] [tessarakontaetés] ²⁷ aizéos hepoito,	
Arton deipnésas tetratryphon oktablómon,	440
Hos k' ergou meletón itheian aulak' elaunoi,	
Méketi paptainón meth' homélikas, all' epi ergó	
Thymon echón : tou d' outi neóteros allos ameinón	
Spermata dassasthai, kai episporién aleasthai.	
Kouroteros gar anér meth' homélikas eptoiétai.	445
Phrazesthai d' eut' an phónén geranou epakousés	
Hypsothen ek nepheón eniausia kekléguiés,	
Hé t' aratoio te séma pherei, kai cheimatos hórén	
Deiknyei ombrérou : kradién d' edak' andros abouteó.	
Dé tote chortazein helikas boas endon eontas.	450
Rhéidion gar epos eipein, boe dos kai hamaxan :	
Rhéidion d' apanénasthai, para d' erga boessin.	
Phési d' anér phrenas aphneios péxasthai hamaxan,	
Népios : oude tog' oid' hekaton de te dourath' hamaxés.	
Tón prosthen meletén echemen, oikéia thesthai[.]	455
Eut' an de prótist' arotos thnétoisi phaneié,	
Dé tot' ephorméthénai, homós dmóes te kai autos,	
Auén kai dierén aroón, arotoio kath' hórén,	
Prói mala speudón, hina toi pléthósin arourai.	
Eiari polein : thereos de neómené ou s' apatései [:]	460
Neion de speirein eti kouphizousan arouran.	
Neios alexiaré, paidón eukéléteira.	

de ãv aparecem tão colados e de tal maneira próximos da segunda haste de v, que facilmente poderiam ser tomados por um apóstrofo. Se Pereira utilizou uma edição com essas características, pode estar aí a origem do equívoco.

²⁶ Na fonte, *alapidion*, um erro. Curiosamente, no ms. Harley MS 6323, f. 54r, o aparece como correção (escrito sobre outra letra), e em Lanzi, 1808, há um erro tipográfico exatamente nesse ponto: a segunda haste do v não está impressa, dando a impressão de que se trata de um ι.

²⁷ Na fonte, *hamma tessarakonta etés*.

Euchesthai de Dii chthoniό, Déméteri th' hagné, Ektelea brithein Déméteros hieron aktén Archomenos ta prót' arotou, [hot an] ²⁸ akron echetlés	465
Cheiri labón horpéka boón epi nóton hikéai Endryon helkontón mesabón : ho de tythos opisthen Dmóos echón makelén ponon ornithessi titheié, Spermata kakkryptón : euthémosyné gar aristé Thnétois anthrópois : kakothémosyné gar kakisté[.]	470
[H]óde ken hadrosyné stachyés neuoien eraze, Ei telos autos opisthen Olympios esthlon opazoi. Ek d' aggeón elaseias arachnia kai se eolpa Géthésein, biotoio ereumenon endon eontos. Euochtheón d' hixesai polion ear : oude pros allous ²⁹	475
Augaseai seo d' allos anér kechrémenos estai. Ei de ken éelioio tropais aroés chthona dian, [H]émenos améseis, oligon peri cheiros eergón, Antia desmeuón kekonimenes, ou mala chairón Oiseis d' en phormó : pauroi de se théésontai.	480
Allote d' alloios Zénos noos Aigiochoio : Argaleos d' andressi kata thnétoisi noésai[.] Ei de ken ops' aroseis, tode ken toi pharmakon eié [:] Émos kokkyx kokkyzei dryos en petaloisi	485
To próton, terpei te brotous ep' apeirona gaian, Témos Zeus hyoi tritó émati, méd' apológoi, Mét' ar' hyperballón boos hopl[é]n, mét' apoleipón : Houtó k' opsarotés pr[ó]téroté isopharizei. En thymó d' eu panta phyllaseo : méde se l[é]thoi Mét' ear ginomenon polion méth' hóríos [o]mbros.	490
..... (...) Meis gar chalepótatos houtos	555
Cheimerios, chalepos probatois, chalepos d' anthr[ó]pois[.] Témos th' hémisy bous', epi d' aneri kai pleon eié Armaliés [:] makrai gar epirrhotoi euphronai eisi. Tauta phyllassomenos, tetelesmenon eis eniauton Isousthai nyktas te kai émata, eisoken authis	560
Gé pantón métér karpon symmikton ekeiné. Eut' an d' hexékonta ³⁰ meta tropas éelioio, Cheimeri['] ektelesé Zeus émata, dé rha tot' astér Arktouros prolipón hieron rhoon Ókeanoio,	

²⁸ Na fonte, *ho tan*. Na edição de Basel, p. 34, aparece ὅταν (como uma só palavra).

²⁹ Foi eliminada a pontuação (:) presente na fonte no final da linha.

³⁰ Foi retirada vírgula depois de *hexékonta*.

Próton pamphainón epitelletai akroknephaios.	565
Tónde met' orthrogoé Pandionis órto chelidón	
Es phaos anthrópois, earos neon istamenoio.	
Tén [phthamenos oinas] ³¹ peritamnemen : h[ó]s gar ameionon	
All' opot' an pher[e]oikos apo chthonos an phyta bainé,	
Pléiadas pheugón, tote dé skaphos ouketi oineón.	570
All' harpas te charasemenai, kai dmóas egeirein,	
Pheugein de skierous thókous, kai ep' éo koiton,	
Hóré en amétou, hote t' éelios chroa karphe.	
Témoutos speudein, kai oikade karpon ageirein,	
Orthrou anistamenos, hina toi bios arkios eie.	575
Éós gar t' ergoio tritén apomeiretai aisan.	
Éós toi propherei meu hodou, propherei de kai ergou.	
Éós éte phaneisa poleas epebése keleuthou	
Anthrópous, polloisi d' epi zyga bousi tithésin.	
Émos de skolymos t' anthei kai écheta tettix	580
Dendréo epezomenos ligyrén katacheuet' aoidén	
Pyknon hypo pterygón, thereos kamatódeos hóré,	
Témos piotatai t' aiges, kai oinos aristos :	
Machlotatai de gynaikes, aphaurotatoi de te andres	
Eisin, epei kephalén kai gounata Seirios azei,	585
Aualeos de te chrós hypo kaumatos. alla tot' édé	
Eie petraie te skié, kai byblinos oinos,	
Maza t' amolgaié, gala t' aigón sbennymenaón,	
Kai boos hylophagoio kreas mépó tetokuiés,	
Prótagonón t' eriphón. eti d' aithopa pinemen oinon,	590
En skié [h]ezomenon, kekorémenon [é]tor edódés,	
Antion akraeos [Z]ephyrou trepsanta prosópon,	
Krénés t' aenaou kai aporrhytou, hé t' atholótos	
Tris d' hydatos procheein, to de tetraton hiemen oinou.	
Dmósi d' epotrynein Déméteros hieron aktén	595
Dinemen, eut' an próta phané sthenos Óriónos,	
Chóro en euai kai eutrochaló en alóe.	
Metró d' eu komisasthai en aggesin. autar epén dé	
Panta bion katathéai eparmenon endothen oikou,	
[Théta t'] ³² aoikon poieisthai, kai ateknon erithon	600
Dizesthai kelomai, chalepé d' hypoportis erithos,	
Kai kyná karch[a]rodonta komein : mé pheideo sitou.	
Mé pote s' hémerokoitos anér apo chrémath' helétai.	
Chorton d' eskomisai, kai syrpheton, ophra toi eie	

³¹ Na fonte, *phthamenoisoinas*.

³² *Théat'* na fonte.

Bousi kai hémionoisin epéetanon. autar epeita Dmóas anapsyxai philá gounata, kai boe lysai. Eut' an [d'] Órión kai Seirios es meson elthé Ouranon, Arktouron d' esidé rhododaktylos Éós, Ó [P]ersé, tote pantas apodrepe oikade botrys. Deixai d' éelió deka t' émata kai deka nyktas.	605
Pente de syskiasai, hektó d' eis agge' aphyssai Dora Diónysou polygétheos. Autar epén dé Pléiades th' Hyades te, to te sthenos Óriónos Dynósin, tot' epeit' arotou memnémenos einai Hóraiou : pleión de kata chthonos armenos eíe.	610
.....	
Endekaté te, duódekaté te, amphó ge men esthlai. Hé men ois peikein, hé d' euphrona karpon amasthai.	772
.....	
Menos d' [h]istamenou triskaidekatén aleasthai Spermatos arxasthai : phyta d' enthrepsasthai aristé. Hekté d' hé messé mal' asymphoros esti phytoisin.	778
.....	
(...) eriphous tamnein kai [póea] ³³ méléon, Sékon t' amphibalein poimnéion, épion émar.	784
.....	
Messé d' hebdomaté Déméteros hieron aktén Eu mal' opipteuonta eutrochaló en alóé B[a]llein : hylotomon te tamein thalaméia doura, Néia le xyla polla, ta t' armena néusi pelontai.	803
.....	
Esthlé men gar t' éde phyteuemen (...)	810

[Transliteração para o alfabeto grego]

Πληιάδων Ἀτλαγενέων ἐπιτελλομενάων, ἄρχεσθαι ἀμῆτου ἀρότιοιο δὲ, δυσσομενάων. ³⁴	381
--	-----

³³ Na fonte, *próea*.

³⁴ A grafia δυσσομενάων (com duplo sigma, em vez de δυσσομενάων) é registrada por Paley, 1883 (que a encontra nos 14 manuscritos por ele colacionados, todos códices preservados em bibliotecas inglesas), e Colonna, 1959 (que dá a entender ser essa lição comum a E e H), e aparece no texto grego em Boccardo e Ramus, 1544, p. 28, e Lanzi, 1808, além de se poder verificar no ms. Arundel MS 522, f. 16r (<http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Arundel_MS_522>, último acesso em 11/ 08/ 2014). Ignorada nos aparatos críticos de Rzach, 1913,

αἰ δὴ τοι νύκτας τε καὶ ἡμέματα τεσσαράκοντα
κεκρύφεται· αὐτίς δὲ περιπλομένου ἑνιαυτοῦ
φαίνονται, τὰ πρῶτα χαρασσομένοιο σιδήρου. 385
οὗτός τοι πεδίων πέλεται νόμος, οἷ τε θαλάσσης
ἐγγύθι ναιετάωσ', οἷ τ' ἄγχεα βησσήεντα
πόντου κυμαίνοντος ἀπόπροθι πίονα χῶρον
ναίωσιν, γυμνὸν σπείρειν, γυμνὸν δὲ βοωτεῖν³⁵
γυμνὸν δ' ἀμάειν, εἰ χ' ὠρία πάντ' ἐθέλησθα 390
ἔργα κομίζεσθαι Δημήτερος· ὥς τοι ἕκαστα
ὠρί' ἀέξεται, μὴ πως τὰ μεταξὺ³⁶ χατίζων
πτώσσης ἀλλοτρίους οἴκους, καὶ μηδὲν ἀνύσσης.
ὥς καὶ νῦν ἐπ' ἔμ' ἦλθες. ἐγὼ δέ τοι οὐκ ἐπιδώσω,
οὐδ' ἐπιμετροῦσ' ἔργαζεν, νήπιε Πέρση, 395
ἔργα, τάτ'³⁷ ἀνθρώποισι θεοὶ διετεκμήραντο·
μὴ ποτε σὺν παίδεσσι γυναικὶ τε θυμὸν ἀχεύων,
ζητεύης βίον κατα γείτονας, οἷ δ' ἀμελῶσιν.
δῖς μὲν γὰρ καὶ τρεῖς τάχα τεύξεαι· ἦν δ' ἔτι λυπῆς,
χρῆμα μὲν οὐ πρήξεις, σὺ δ' ἐτώσια πόλλ' ἀγορεύσεις. 400
ἀχρεῖος δ' ἔσται ἐπέων νομός. ἀλλὰ σ' ἄνωγα
φράζεσθαι χρεῖων τε λύσιν, λιμοῦ τ' ἀλεωρῆν.
οἶκον μὲν πρῶτιστα, γυναικὰ τε, βουῖν τ' ἀροτῆρα,
κτητῆν οὐ γαμετῆν ἧτις καὶ βουσίην ἔποιτο.
χρήματα δ' εἰν οἴκῳ πάντ' ἄρμενα ποιήσασθαι· 405
μὴ σὺ μὲν αἰτῆς ἄλλον, ὃ δ' ἀρνῆται, σὺ δὲ τητᾶ,
ἦ δ' ὠρη παραμείβηται, μινύθη δέ τοι ἔργον.
μηδ' ἀναβάλλεσθαι ἕς τ' αὐριον, ἕς τ' ἔννηφιν.³⁸

Wilamowitz, 1928, West, 1978, e Solmsen, 1990, e por *LSJ* p. 463 s.v. δῦω, é uma grafia hoje obsoleta, talvez devida à necessidade, que teria sido sentida por alguns escribas, de marcar como longa a primeira sílaba desse participio, já que a quantidade do υ varia bastante nas diversas formas do verbo em questão. Brunck, 1784, p. 329, comenta: *Perperam vulgo σ geminatur*.

³⁵ ναίωσιν, neste verso, e, mais acima (387), ναιετάωσ', ocorrem no ms. C.

³⁶ μεταξὺ é a forma que se encontra nos mss. CDEH e também nos escólios. A forma preferida por West, 1978, Solmsen, 1990, e os outros editores mais recentes, μέταξε, aparece na tradição indireta (ver acima meus comentários introdutórios). Pereira coincide com Boccardo e Ramus, 1544, p. 28, e Lanzi, 1808.

³⁷ A prática usual dos editores de hoje é grafar τὰ τ'. Das edições consultadas, apenas as de Boccardo e Ramus, 1544, p. 28, Goettling, 1843, e Paley, 1883, escrevem as duas palavras juntas, τάτ'.

³⁸ A variante adotada por Pereira aqui, τ' ἔννηφιν (mss. EH), em vez de τε ἔννηφι (ms. C), gera um verso espondeíaco. Também é a lição de Boccardo e Ramus, 1544, p. 30.

οὐ γὰρ ἐτωσιοεργὸς ἀνὴρ πίμπλησι καλιήν.
 οὐδ' ἀναβαλλόμενος· μελέτη δέ τοι ἔργον ὀφέλλει. 410
 αἰεὶ δ' ἀμβολιεργὸς ἀνὴρ ἄτησι παλαίει.
 ἦμος δὴ λήγει μένος ὀξέος ἠελίοιο
 καύματος ἰδαλίμου, μετοπωρινὸν ὀμβρῆσαντος
 Ζηνὸς ἐρισθενέος, μετὰ δὲ τρέπεται βρότεος χρώς
 πολλὸν ἐλαφρότερος· (δὴ γὰρ τότε Σεῖριος ἀστήρ 415
 βαῖον ὑπὲρ κεφαλῆς κηριτρεφῶν ἀνθρώπων
 ἔρχεται ἡμάτιος, πλεῖον δέ τε νυκτὸς ἐπαυρεῖ.)
 ἦμος ἀδηκτοτάτη πέλεται τμηθεῖσα σιδήρω
 ὕλη, φύλλα δ' ἔραζε χέει, πτόρθοιό τε λήγει·
 τῆμος ἄρ' ὕλοτομεῖν μεμνημένος ὦριον ἔργον. 420
 ὄλμον μὲν τριπόδην τάμνειν, ὕπερον δὲ τρίπηχυν,
 ἄξονα δ' ἐπταπόδην· μάλα γὰρ νύ τοι ἄρμενον οὕτω,
 εἰ δέ κεν ὀκταπόδην ἀπὸ καὶ σφύραν κε τάμοιο,
 τρισπίθαιμον δ' ἄψιν τάμνειν δεκαδώρῳ ἀμάξῃ,
 πόλλ' ἔπι καμπύλα³⁹ κᾶλα· φέρειν δὲ γύην, ὅτ' ἂν εὖρης, 425
 εἰς οἶκον, κατ' ὄρος διζήμενος, ἢ κατ' ἄρουραν,
 πρίνινον· ὅς γὰρ βουσὶν ἀροῦν ὀχυρώτατός ἐστιν·
 εὐτ' ἂν Ἀθηναίης δμῶος ἐν ἐλύματι πῆξας
 γόμφοισιν πελάσας προσαρήρεται ἰστοβοῆϊ.
 δοιὰ δὲ θέσθαι ἄροτρα πονησάμενος κατὰ οἶκον, 430
 αὐτόγυον καὶ πηκτόν· ἐπεὶ πολὺ λῶιον οὕτω.
 εἰ χ' ἕτερον γ' ἄξαις, ἕτερόν γ' ἐπὶ βουσὶ βάλοιο.
 δάφνης δ' ἢ πτελέης ἀκιώτατοι ἰστοβοῆες.
 δρυὸς ἔλυμα, πρίνου δὲ γύην, βόε δ' ἐνναετήρῳ
 ἄρσενε κεκτηῖσθαι (τῶν γὰρ σθένος οὐκ ἀλαπαδνόν) 435
 ἥβης μέτρον ἔχοντε· τῷ ἐργάζεσθαι ἀρίστω.
 οὐκ ἂν τῷ γ' ἐρίσαντες ἐν αὐλακὶ καμμέν⁴⁰ ἄροτρον
 ἄξειαν, τὸ δὲ ἔργον ἐτώσιον αὐθι λίποιν.
 τοῖς δ' ἄμα τεσσαρακονταετῆς αἰζήσῃς ἔποιτο,

³⁹ West, 1978 (ver comentário ad loc.), e Solmsen, 1990, veem aqui uma só palavra, ἐπικαμπύλα (“curvados”). Para a lição adotada por Pereira, cf. Boccardo e Ramus, 1544, p. 32, Lanzi, 1808, Goettling, 1843, e Paley, 1883.

⁴⁰ Todas as edições críticas recentes consultadas escrevem καμ μὲν, o que corresponde à praxe de hoje em casos como este. O mesmo ocorre com as edições do séc. XIX que utilizamos, exceto Lanzi, 1808, que traz καμμέν. O ms. Harley MS 6323, que normalmente separa palavras, traz essas duas juntas (f. 54r), assim como a edição de Basel (p. 32). Como se trata aqui de uma assimilação da última consoante de κατὰ pela consoante inicial da partícula μὲν, compreende-se o porquê dessa antiga prática de representar assim a junção dos dois itens, por assim dizer, em uma só cadeia fônica.

ἄροτον δειπνήσας τετράτροφον ὀκτάβλωμον, 440
 ὅς κ' ἔργου μελετῶν ἰθειῖαν αὐλακ' ἐλαύνει,
 μηκέτι παπταίνων μεθ' ὀμήλικας, ἀλλ' ἐπὶ ἔργῳ
 θυμὸν ἔχων· τοῦ δ' οὐτι⁴¹ νεώτερος ἄλλος ἀμείνων
 σπέρματα δάσσασθαι, καὶ ἐπισπορίην ἀλέασθαι.
 κουρότερος γὰρ ἀνὴρ μεθ' ὀμήλικας ἐπτοίηται. 445
 φράζεσθαι δ' εὐτ' ἂν φωνὴν γεράνου⁴² ἐπακούσης
 ὑψόθεν ἐκ νεφέων ἐνιαύσια κεκληγυῖης,
 ἢ τ' ἀρότοιο τε σῆμα φέρει, καὶ χεῖματος ὥρην
 δεικνύει ὀμβροροῦ· κραδίην δ' ἔδακ' ἀνδρὸς ἀβούτεω.
 δὴ τότε χορτάζειν ἔλικας βόας ἔνδον ἔοντας. 450
 ῥήϊδιον γὰρ ἔπος εἶπεῖν, βόε δὸς καὶ ἄμαξαν·
 ῥήϊδιον δ' ἀπανήνασθαι, πάρα δ' ἔργα βόεσσιν.
 φησὶ δ' ἀνὴρ φρένας ἀφνειὸς πήξασθαι ἄμαξαν,
 νήπιος· οὐδὲ τόγ' οἶδ' ἑκατὸν δέ τε δούραθ' ἀμάξης.
 τῶν πρόσθεν μελέτην ἐχέμεν, οἰκῆια θέσθαι. 455
 εὐτ' ἂν δὲ πρῶτιστ' ἄροτος θνητοῖσι φανείη,
 δὴ τότε ἔφορμηθῆναι, ὁμῶς δμῶές τε καὶ αὐτός,
 αὐτὴν καὶ διερὴν ἀρώων, ἀρότοιο καθ' ὥρην,
 πρῶτ' μάλα σπεύδων, ἵνα τοι πλήθωσιν ἄρουραι.
 εἶαρι πολεῖν· θέρεος δὲ νεωμένη οὐ σ' ἀπατήσει· 460
 νειὸν δὲ σπεύρειν ἔτι κουφίζουσαν ἄρουραν.
 νειὸς ἀλεξιάρη, παίδων εὐκκλητήερα.
 εὐχέσθαι δὲ Διὶ χθονίῳ, Δημήτερί θ' ἀγνῆ,
 ἐκτελέα βρίθειν Δημήτερος ἱερὸν ἀκτῆν
 ἀρχόμενος τὰ πρῶτ' ἀρότου, ὅτ' ἂν ἄκρον ἐχέτης 465
 χεῖρὶ λαβῶν ὄρηκα βοῶν ἐπὶ νῶτον ἵκηαι
 ἔνδρον ἐλκόντων μεσάβων· ὁ δὲ τυτθὸς ὀπισθεν
 δμῶς ἔχων μακέλην πόνον ὀρνίθεσσι τιθείη,
 σπέρματα κακκρύπτων·⁴³ εὐθημοσύνη γὰρ ἀρίστη
 θνητοῖς ἀνθρώποις· κακοθημοσύνη δὲ κακίστη. 470

⁴¹ οὐτι, sem espaço, é a convenção nas edições do séc. XIX utilizadas neste trabalho.

⁴² A ordem φωνὴν γεράνου não se encontra registrada no aparato crítico das edições de West, 1978, e Solmsen, 1990, mas está atestada em diversas outras fontes (ver acima os comentários introdutórios deste artigo).

⁴³ σπέρματα κακκρύπτων: lição que não é registrada em nenhuma das edições críticas recentes consultadas, é identificada por Lanzi, 1808, p. 289, como lição “da vulgata”. Paley, 1883, encontra-a em um manuscrito e na edição Aldina (1495). Goettling, 1843, ad loc., comenta que são [p]auci, neque ii bonae notae os manuscritos que trazem essa variante. Pode-se vê-la em Boccardo e Ramus, 1544, p. 34, e no f. 55v do ms. Harley MS 6323. Já o ms. Arundel MS 522, f. 20r, traz σπέρμα κατακρύπτων, a lição hoje dominante.

ᾧδέ κεν ἄδροσύνη στάχυες νεύοιεν ἔραζε,
 εἰ τέλος αὐτὸς ὄπισθεν Ἰολύμπιος ἐσθλὸν ὀπάζοι.
 ἐκ δ' ἀγγέων ἐλάσειας ἀράχνια καί σε ἔολπα
 γηθήσειν, βιότοιο ἐρέυμενον ἔνδον ἔοντος. 475
 εὐοχθέων δ' ἴξεται πολὺν ἔαθ· οὐδὲ πρὸς ἄλλους
 ἀγᾶσαι σέο δ' ἄλλος ἀνήρ κεκηρμένος ἔσται.
 εἰ δέ κεν ἠελίοιο τροπαῖς ἀρόης χθόνα διαν,
 ἦμενος ἀμήσεις, ὀλίγον περὶ χειρὸς ἔέργων,
 ἀντία δεσμεύων κεκονιμένος, οὐ μάλα χαίρων,
 οἴσεις δ' ἐν φορμῶ· παῦροι δέ σε θηήσονται. 480
 ἄλλοτε δ' ἄλλοιὸς Ζηνὸς νόος Αἰγιόχοιο·
 ἀργαλέος δ' ἀνδρεσσι κατὰ θνητοῖσι⁴⁴ νοῆσαι.
 εἰ δέ κεν ὄψ' ἀρόσεις, τόδε κέν τοι φάρμακον εἶη·
 ἦμος κόκκυξ κοκκύζει δρυὸς ἐν πετάλοισι
 τὸ πρῶτον, τέρπει δὲ βροτοὺς ἐπ' ἀπειρόνα γαῖαν, 485
 τῆμος Ζεὺς ὕιο τρίτω ἦματι, μῆδ' ἀπολήγοι,
 μήτ' ἄρ' ὑπερβάλλων βοὸς ὀπλήν, μήτ' ἀπολείπων·
 οὕτω κ' ὄψαρότης πρωτερότη ἰσοφαρίζει.⁴⁵
 ἐν θυμῶ δ' εὖ πάντα φυλάσσει· μῆδέ σε λήθοι
 μήτ' ἔαρ γινόμενον πολὺν μῆθ' ὦριος ὄμβρος. 490

 (...) μεις γὰρ χαλεπώτατος οὗτος 555
 χειμέριος, χαλεπὸς προβάτοισ, χαλεπὸς δ' ἀνθρώποισ.
 τῆμος θ' ἦμισυ⁴⁶ βούσ', ἐπὶ δ' ἀνέρι τὸ πλέον εἶη
 ἀρμαλιῆς· μακραι γὰρ ἐπίρροθοι εὐφρόναι εἰσί.
 ταῦτα φυλασσόμενος, τετελεσμένον εἰς ἐνιαυτὸν
 ἰσοῦσθαι νύκτας τε καὶ ἡμέρας, εἰσόσκεν αὐθις 560

⁴⁴ κατὰ θνητοῖσι (em vez de καταθνητοῖσι) é lição registrada como da vulgata por Goettling, 1843, ad loc., e é o que imprimem Boccardo e Ramus, 1544, p. 36, Lanzi, 1808, e Paley, 1883. Pode-se verificar a variante no ms. Arundel MS 522, f. 20v. Teríamos de ver aí o verbo κατανοέω em tmese.

⁴⁵ Embora não seja sequer mencionado pelas edições críticas recentes, o indicativo ἰσοφαρίζει (em vez do optativo ἰσοφαρίζοι) aparece em diversos manuscritos, incluindo Harley MS 6323, f. 56r, e é a lição impressa em Boccardo e Ramus, 1544, p. 36. De fato, não se espera ἄν, ou seu equivalente homérico κέ(ν), com presente do indicativo, mas certos escribas medievais ou editores renascentistas parecem não saber disso. Brunk, 1784, p. 331: *Optativum requirit recti scribendi ratio. (...) in impressis, [verbum est modi] indicativi.* A tradução de Pereira, “[p]oderá (...) assimilar-se”, cabe para a construção com optativo.

⁴⁶ θ' ἦμισυ: lição que, embora não apareça no texto ou no aparato crítico da edição do século XIX e XX consultadas nem nos mss. Harley MS 6323 e Arundel MS 522, é a variante impressa em Boccardo e Ramus, 1544, p. 40.

Γῆ πάντων μήτηρ καρπὸν σύμμικτον ἐνείκη.
 εὖτ' ἂν δ' ἐξήκοντα μετὰ τροπὰς ἡελίοιο,
 χειμέρι' ἐκτελέσῃ Ζεὺς ἡματα, δὴ ῥα τότ' ἀστήρ
 Ἄρκετοῦρος προλιπὼν ἱερὸν ῥόον Ὀκεανοῖο,
 πρῶτον παμφαίνων ἐπιτέλλεται ἀκροκνέφαιος. 565
 τόνδε μέτ' ὀρθρογὴ Πανδιονίς ὠρτο χελιδῶν
 ἐς φάος ἀνθρώποις, ἕαρος νέον ἰσταμένοιο.
 τὴν φθάμενος οἶνας περιταμνέμεν· ὡς γὰρ ἄμεινον.
 ἀλλ' ὀπότ' ἂν φερέοικος ἀπὸ χθονὸς ἂν⁴⁷ φυτὰ βαιίνη,
 Πληιάδας φεύγων, τότε δὴ σκάφος οὐκέτι οἰνέων. 570
 ἀλλ' ἄρπας τε χαρασσέμεναι, καὶ δμῶας ἐγειρεῖν,
 φεύγειν δὲ σκιερούς θώκους, καὶ ἐπ' ἧῶ κοῖτον,
 ὠρη ἐν ἀμήτου, ὅτε τ' ἡέλιος χρῶα κάρφη.
 τημοῦτος σπεύδειν, καὶ οἴκαδε καρπὸν ἀγειρεῖν,
 ὀρθρου ἀνιστάμενος, ἵνα τοι βίος ἄρκιος εἴη. 575
 ἧὼς γὰρ τ' ἔργοιο τρίτην ἀπομείρεται αἴσαν.
 ἧὼς τοι προφέρει μὲν ὁδοῦ, προφέρει δὲ καὶ ἔργου.
 ἧὼς ἦτε φανείσα πολέας ἐπέβησε κελεύθου
 ἀνθρώπους, πολλοῖσιν δ' ἐπὶ ζυγὰ βουσί τίθησιν.
 ἦμος δὲ σκόλυμός τ' ἀνθεῖ καὶ ἠχέτα τέττιξ 580
 δενδρέω ἐφεζόμενος λιγυρὴν καταχευέτ' αἰοιδὴν
 πυκνὸν ὑπὸ πτερύγων, θέρεος καματώδεος ὠρη,
 τῆμος πίοταται τ' αἶγες, καὶ οἶνος ἄριστος·
 μαχλόταται δὲ γυναῖκες, ἀφανρότατοι δὲ τε ἄνδρες
 εἰσίν, ἐπεὶ κεφαλὴν καὶ γούνατα Σείριος ἄζει, 585
 ἀυαλέος δὲ τε χρῶς ὑπὸ καύματος. ἀλλὰ τότ' ἦδη
 εἶη πετραίη τε σκιῆ, καὶ βύβλιος οἶνος,
 μᾶζα τ' ἀμολγαίη, γάλα τ' αἰγῶν σβεννυμενάων,
 καὶ βοδὸς ὑλοφάγιο κρέας μήπω τετοκυῖης
 πρωτογόνων τ' ἐρίφων. ἔτι⁴⁸ δ' αἶθοπα πινέμεν οἶνον,
 ἐν σκιῇ ἐζόμενον, κεκορημένον ἦτορ ἐδαδῆς,
 ἀντίον ἀκραέος Ζεφύρου τρέψαντα πρόσωπον,
 κρήνης τ' ἀεναίου καὶ ἀπορρύτου, ἦ τ' ἀθόλωτος
 τρίς δ' ὕδατος προχέειν, τὸ δὲ τέτρατον ἰέμεν οἴνου. 595
 δμῶσιν δ' ἐποτρύνειν Δημήτερος ἱερὸν ἀκτὴν
 δινέμεν, εὖτ' ἂν πρῶτα φανῆ σθένος Ὀρίωνος,
 χῶρφ ἐν εὐαεῖ καὶ ἐυτροχάλω ἐν ἀλωῇ.

⁴⁷ ἂν: ignorada no aparato crítico das edições recentes, essa lição é atribuída a vários manuscritos por Paley, 1883. É a variante adotada em Boccardo e Ramus, 1544, p. 42, e no ms. Arundel MS 522, f. 24v.

⁴⁸ ἔτι (em vez de ἐπὶ): completamente ignorada nas edições críticas recentes e do séc. XIX, a lição aparece em Boccardo e Ramus, 1544, p. 44.

μέτρῳ δ' εὖ κομίσασθαι ἐν ἄγγεσιν. αὐτὰρ ἐπὴν δὴ πάντα βίον κατάθῃαι ἐπάρμενον ἔνδοθεν οἴκου, θῆτ' ἄοικον ποιείσθαι, καὶ ἄτεκνον ἔριθον	600
δίζῃσθαι κέλομαι, χαλεπὴ δ' ὑπόπορτις ἔριθος, καὶ κύνα καρχαρόδοντα κομεῖν· μὴ φείδῃο σίτου. μὴ ποτὲ σ' ἡμερόκοιτος ἀνὴρ ἀπὸ χρήμαθ' ἔληται. χόρτον δ' ἐσκομίσει, καὶ συρφετόν, ὄφρα τοι εἴη βουσί καὶ ἡμίονοισιν ἐπηγτανόν.	605
αὐτὰρ ἔπειτα δμῶας ἀναψῦξαι φίλα γούνατα, καὶ βόε λῦσαι. εὐτ' ἂν δ' Ὠρίων καὶ Σείριος ἐς μέσον ἔλθῃ οὐρανόν, Ἄρκτουρον δ' ἐσίδῃ ῥοδοδάκτυλος Ἥως, ὦ Πέρση, τότε πάντας ἀπόδρεπε οἴκαδε βότρυς. δεῖξαι δ' ἠελίῳ δέκα τ' ἡμέματα καὶ δέκα νύκτας.	610
πέντε δὲ συσκιᾶσαι, ἔκτω δ' εἰς ἄγγε' ἀφύσσαι δῶρα Διωνύσου πολυγηθέος. αὐτὰρ ἐπὴν δὴ Πληιάδες θ' Ὑάδες τε, τό τε σθένος Ὠρίωνος δύνασιν, τότ' ἔπειτ' ἀρότου μεμνημένος εἶναι ᾠραίου· πλειῶν δὲ κατὰ χθονὸς ἄρμενος εἴη.	615
.....	
ἐνδεκάτη τε, δυωδεκάτη τ', ἄμφω γε μὲν ἐσθλαί. ἢ μὲν οἷς πείκειν, ἢ δ' εὐφρονα καρπὸν ἀμᾶσθαι.	772
.....	
Μηνὸς δ' ἰσταμένου τρισκαιδεκάτην ἀλέασθαι σπέρματος ἄρξασθαι· φυτὰ δ' ἐνθρέψασθαι ἀρίστη. ἔκτη δ' ἢ μέσση μάλ' ἀσύμφορός ἐστι φυτοῖσιν.	778
.....	
(...) ἐρίφους τάμνειν καὶ πῶεα μῆλων σηκόν τ' ἀμφιβαλεῖν ποιμνήιον, ἥπιον ἤμαρ.	784
.....	
Μέσση δ' ἐβδομάτῃ Δημήτερος ἱερὸν ἀκτὴν εὖ μάλ' ὀπιπτεύοντα ἐντροχάλῳ ἐν ἀλωῇ βάλλειν· ὑλοτόμον τε ταμείν θαλαμῆια δούρα, νηία τε ξύλα πολλά, τὰ τ' ἄρμενα νηυσὶ πέλονται.	803
.....	
ἐσθλή μὲν γὰρ τ' ἠδὲ φυτευέμεν (...) ⁴⁹	810

[Tradução, p. 6, 8, 10, 12 e 14 na fonte]

Assim que as Pleiades, de Atlante filhas[,] 381

⁴⁹ A seleção de Pereira é aqui muito infeliz, pois omite o sujeito πρωτίστη δ' εἰνὰς (verso anterior).

Nascerem, á colheita dá principio,
E lavra, logo que ellas se puzerem.
Quarenta dias e quarenta noites
Esta constellação está occulta,
Mas revolvido o anno, reaparece,
Quando se estão as foices afiando. 385
Tal é a lei dos campos para aquelles,
Que perto do agitado mar habitão
E p'ra os que vivem nos selvosos valles.
Despido lavra e assim semeia e colhe,
Se a tempo quer ter os dons de Ceres, 390
E para não andares mendigando,
Com inutil trabalho muitas vezes.
Assim vieste agora ter comigo :
Mas não te dou mais nada, nem te empresto.
Ó insensato Perses, ao trabalho, 395
Que os deuses para os homens destinárão,
Applica-te : não faças com que tenhas
De ir afflicto buscar á vizinhança
A subsistencia da mulher e filhos,
Sujeitando-te ainda á negativa.
Duas vezes ou tres terás soccorro,
Pode ser ; se a pedir continuares,
Nada conseguirás ; será inutil 400
Tudo quanto disseres. Recommendo-te,
As dívidas pagar, fugir da fome.
Tú deves possuir, antes de tudo,
Casa, mulher e um boi para lavrares ;
Obtem uma mulher, solteira ainda,
Que tracte de teo gado e tenha em ordem
As cousas de tua casa ; não succeda, 405
Haveres de pedir soccorro alheio,
Sujeitando-te a seres repellido.
Repara tu, que não decorra o tempo,
E o fructo do trabalho diminua.
Para amanha e p'ra depois não deixes
O que tens de fazer. O preguiçoso
O celleiro não enche. A diligencia
Avultará o fructo do trabalho : 410
Pelo contrario, o homem negligente
Luctando sempre está com prejuizos.
Quando o calor solar, que desafia
O transpirar, a decrescer começa,
E o omnipotente Jupiter no outomno
Chover, e bem mais presto andar o homem

(Porque, nessa estação, o astro Sirio
Espaço breve está, durante o dia,
Sobre nossas cabeças ; é de noite
Que por mais longo tempo se nos mostra) ;
Quando a madeira menos se carcome,
Depois de derribada p'lo machado ;
Quando das árvores as folhas caem,
E não se desenvolvem mais os ramos ;
Então é tempo de cortar madeiras. 415

Fabricarás um gral, cujo diametro
Tenha tres pés e cuja mão tres covados :
Um eixo corta, palmos tendo septe,
Que é muito apropriado comprimento :
Se tiver mais, separa d'elle um masso. 420

Prepara numerosas peças curvas
E pinas de tres palmos para rodas
De carros de dez palmos de comprido.
Procura na montanha ou na planicie
Um apo de azinheiro ; e se o encontrares,
Transporta-o, sem detença, para casa.
É madeira mui rija para o arado.
Ao apo o artifice com pregos junte
O dental e o temão. Porêm tu debes 425

Ter dous arados ; um, que o apo tenha
E o temão d'uma peça unicamente ;
Outro, em que as duas partes se distingão.
Em teres dous arados ha proveito.
Se um d'elles quebra, junte os bois ao outro.
O temão de loureiro ou de olmo seja.
De carvalho o dental, de azinho o apo.
D'uma junta de bois de nove annos
Precisas (seo vigor existe ainda) : 435

Em meia idade estão ; para o trabalho
Muito melhores são. Elles não brigão,
Os arados não quebrão, e d'est'arte
Nunca os serviços incompletos ficão.
Homens de annos quarenta os bois conduzão,
Depois de quadrifido pão comerem,
Em oito partes dividido sendo. 440

Assim ao seo trabalho entregues todos,
Os regos abrirão em linha recta
E não distrahirão os companheiros.
Outro mais novo não seria idoneo
Para a semente derramar no campo,
Para evitar segunda sementeira.

Com seos coetaneos os mancebos folgão. 445
 Quando nas altas nuvens tu ouvires
 A annual voz do grou, que prenuncia
 A chegada do inverno e o tempo proprio
 Para lavar, e o coração afflige
 D'aquelle agricultor, que bois não tenha,
 Então em teos curraes os bois sustenta. 450
 Tão facil é dizer [:] «Ó meo amigo,
 Tua junta de bois e um carro empresta-me» :
 Como dizer o amigo, recusando-se :
 «Os bois lavrando estão minha fazenda».
 Jactancioso então deseja um carro
 Construir ; porêm louco desconhece,
 Que de cem peças todo o carro consta.
 Convem cuidar a tempo nestas cousas.
 Chegado sendo o ensejo de lavraes, 455
 Trabalha tu e os teos, saindo cedo,
 Humida ou sêcca embora esteja a terra,
 P'ra que teos campos deem pingues messes.
 Na primavera volta para cima
 O solo, que volvido novamente
 De verão, não illude as esperanças. 460
 Semeia, em quanto leve, teo pousio,
 Que evita maldicções e alegre os filhos.
 Quando tu a lavar principiaries, 465
 E uma das mãos tiveres na rabiça,
 Emquanto a outra vae tocando o dorso
 De teos bois, que se jungem por correias
 Á canga, que ao temão cavilha prende ;
 Pedes a Jove infernal e á casta Ceres,
 Que de Ceres os sacros dons progridão.
 Atraz um homem vá com uma enchada
 A semente cobrindo, e d'este modo
 As aves molestando. As boas praxes
 Optimas são para os mortaes, e mostra 470
 O desarranjo pessimos effeitos.
 Penderão para terra com o pêso
 As espigas, se Júpiter permite.
 Das arcas tira as teias das aranhas,
 Por quanto espero, que terás o gosto
 De desfructar o que puzeres dentro.
 Bem fornecido chegarás alegre 475
 Á branca primavera, sem te veres
 Forçado a olhar os outros ; ao contrário
 Terão de precisar de ti os outros.

Mas se lavrasses a divina terra No tempo do solsticio, estar podias Sentado, o que viesse a mão colhendo. Que mui pouco seria, e de poeira Coberto, e sem prazer terias molhos De atar e em um cabaz mettel-os todos. Poucos serão os que p'ra ti olharem.	480
De Jupiter Egiocho varia O designio, aos mortaes difficil sempre De perceber. Porém se tu lavrares, Sendo já tarde, os unicos remedios Serão tres dias de continua chuva, Que as pegadas dos bois de todo enchão, Quando o cantar do cuco principia Sobre a folhagem do carvalho e causa Prazer aos homens na espaçosa terra.	485
Só assim poderá quem lavra tarde Assimilhar-se ao que mais cedo lavra. Portanto sempre debes ter presente, Quando a flor alvejar a primavera, E quando a chuva seja favoravel.	490
.....	
Perigo tem aquelle mez de inverno, E muito para o gado e para os homens. Põe a meia ração bovino gado, Porém mais alimento o homem tenha. As longas noites bom succorro prestão. Esta regra seguindo, proporciona Á grandeza dos dias e das noites	555
As rações de teos bois, até que o anno Acabe, e então a terra, mãe de todos, De novo fructos varios patenteie. Quando Jove perfaz sessenta dias Após hiemal solsticio, a estrella Arcturo, Deixado o sacrosancto curso tendo Do oceano, apparece radiosa, Pela primeira vez, ao fim da tarde.	560
Costuma levantar-se depois d'ella A filha de Pandión, a andorinha, Que de manhan exprime seos queixumes, Quando já vem chegando a primavera. Para podar as vides, eis o tempo. Quando, porém, o caracol ascende Para as plantas, das Pleiades fugindo,	565
Não é já tempo de cavar as vinhas.	570

Afia então a foice, activa os servos.
No tempo da colheita, quando o astro
Do dia cresta a pelle, tu evita
A fresca sombra e da manhan o somno.
Então apressa-te, a colheita faze
E para casa os cereaes conduze,
Levantando-te cedo, a fim de teres 575
Em abundancia as cousas necessarias.
A madrugada obtem a terça parte
Do trabalho total de cada dia,
A madrugada, que assomado tendo
Aos bois o jugo põe, e muitos homens
De casa faz sair, os apressura
Em seo caminho e activa no trabalho.
Assim que tenham flor as alcachofras 580
E a sonora cigarra, muitas vezes,
Pousada sobre as árvores, entoe,
Com suas azas, trémulas cantigas,
Pela estação do trabalhoso estio,
Então as cabras tornão-se mui gordas,
O vinho é optimo, as mulheres mostrão
Muita lascivia, os homens são muito fracos,
Porque Sirio os joelhos e a cabeça 585
Cresta, com o calor o corpo secca.
Á sombra d'uma gruta saboreia
Biblino vinho, de pastor os bolos,
Leite de cabra não amamentando,
Carne de vacca ainda não parida,
Alimentada sendo na floresta,
E tãobem a de tenros cabritinhos. 590
Depois de satisfeito de comeres,
Sentado á sombra, aos [Z]ephyros fagueiros
Voltando o rosto, bebe vinho tinto
Com agua pura, que da fonte corra.
Tres partes sejam de agua, uma de vinho.
Quando Oriente apparecido tenha,
A teos servos ordena, que debilhem 595
Os sacros dons de Ceres, em logares
Muito bem aplanados e ventosos :
Mede e recolhe o grão em boas arcas.
Quando a final a novidade tenhas
Dentro de casa, accommodada toda,
Recommendo, que tomes um creado, 600
Sem familia, e uma serva, sem ter filhos.
Serva com filhos é nociva sempre.

Convem haver um cão de agudos dentes, Ao qual não regateies o alimento, Para que os homens, que de dia dormem, Não venhão subtrahir os teos haveres. Egualmente recolhe o feno e a palha Para o penso annual dos bois e mulos. Depois d'isto, teos servos recuperem Suas fôrças, e tira aos bois o jugo. Quando Oriente e Sirio tem chegado A meio ceo, e a Aurora vê Arcturo, Então, ó Perses, colhe e para casa Trata de conduzir as uvas todas.	605
Espaço de dez dias e dez noites, Ao sol expostas debes conserval-as, Cinco dias á sombra, e ao sexto lança Em vasilhas os dons do alegre Baccho. Quando porêm as Pleiades se ponhão, As Hyades e o válido Oriente, De lavrar é então chegado o tempo. Oxalá o anno próspero te corra.	610 615
..... Os dias onze e doze são proficuos, Um para tosquiare as ovelhas, Outro para colheres as searas.	772
..... No decimo terceiro, não semeies ; Mas o plantar convem-te certamente. O dia dezaseis nocivo ás plantas Se considera. (...)	778
..... Sexto é bom p'ra cabritos e cordeiros Castrar, e armar redis para o rebanho.	784
..... Cuidado tem, no dia desasete, De deitar, numa eira muita lisa, Os dons de Ceres : cortem-se madeiras Para edificação de náos e casas.	803
..... Nono para plantar se ostenta proprio.	810

Referências

- ALI, M. S. *Versificação portuguesa*. São Paulo: Edusp, 1999.
- ARUNDEL MS 522. London: British Library, Digitised manuscripts, <http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Arundel_MS_522> (último acesso em 11/ 08/ 2014).
- BENNET, J. W. Spenser's Hesiod. *American Journal of Philology*, Baltimore, vol. 52, n. 3, p. 176-81, 1931.
- BOCCARDO, G. F.; RAMUS, I. *Hesiodi Ascrei opera*. Basel: I. Oporinus, 1544.
- BRUNCK, R. F. P. *Ἡθική ποιήσις sive Gnomici poetae Graeci*. Straßburg: Bibliopolium Academicum, 1784.
- CASSANMAGNANO, C. *Esiodo, Tutte le opere e i frammenti con la prima traduzione degli scolii*. Milano: Bompiani, 2009.
- COLEÇÃO PEREIRA, JOÃO FÉLIX. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, Coleções, <http://acpc.bn.pt/colecoes_autores/n32_pereira_joao_felix.html> (último acesso em 02/ 05/ 2014).
- COLONNA, A. *Hesiodi Opera et dies*. Milano/Varese: Istituto Editoriale Cisalpino, 1959.
- ENCYCLOPEDIA E DICIONARIO INTERNACIONAL. Organizado e redigido com a colaboração de distintos homens de ciencia e letras. Rio de Janeiro/ Nova York: W. M. Jackson, s.d. (vol. XV, p. 8693, s.v. Pereira, João Felix).
- ERCOLANI, A. *Esiodo, Opere e giorni: introduzione, traduzione e commento*. Roma: Carocci, 2010.
- GOETTLING, K. *Hesiodi carmina*. 2. ed. Coburg/ London: D. Nutt, 1843.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa/ Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, s.d. (vol. XXI, p. 148-9, s.v. João Félix).
- HARLEY MS 6323. London: British Library, Digitised manuscripts, <http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Harley_MS_6323> (último acesso em 04/ 05/ 2014).
- LANZI, L. *Ἡσιόδου τοῦ Ἀσκραίου Ἔργα καὶ Ἡμέραι. Hesiodi Ascreai Opera et dies. Di Esiodo Ascreo I Lavori e le giornate*. Firenze: Carli e C^o., 1808.
- MAAS, P. *Textual criticism*. Trad. B. Flower. Oxford: Clarendon Press, 1958.
- MANTOVANELI, L. O. *Os trabalhos e os dias, Hesíodo*. São Paulo: Odysseus, 2011.
- PALEY, F. A. *The epics of Hesiod*. 2. ed. rev. London: Whitaker and Co./ George Bell and Sons, 1883 (1. ed. 1861).
- PEREIRA, J. F. *Abridgement of the history of Portugal*. Rev. A. V. Meirelles. Lisboa: A. Martins, 1854.
- PEREIRA, J. F. *As obras e os dias: tradução do original grego em verso endecasyllabo. Apreciação d'este poema de Hesíodo, como livro de agricultura, com a tradução dos versos, que se referem a esta sciencia, por João Felix Pereira, agronomo*. Lisboa: Typographia do jornal — O Paiz, 1876.

PEREIRA, J. F. *Texto, tradução e análise da oração de Cícero Pro Archia poeta*. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista Torres, 1888.

PEREIRA, J. F. *Xenofonte, Ciropédia*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1956.

PINHEIRO, A. E.; FERREIRA, J. R. *Hesíodo, Teogonia; Trabalhos e dias*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

ROLIM DE MOURA, A. *Hesíodo, Os trabalhos e os dias*. Edição, tradução, introdução e notas. Curitiba: Segesta, 2012.

RZACH, A. *Hesiodus, Carmina*. 3. ed. Leipzig: Teubner, 1913.

ΣΚΑΡΤΣΗΣ, Σ. Ησίοδος, Θεογονία, Ἔργα καὶ ἡμέραι, Ἀσπίς Ἡρακλέους, Ἀποσπάσματα. Αθήνα: Κάκτος, 1993.

SOLMSEN, F.; MERKELBACH, R.; WEST, M. L. *Hesiodi Theogonia, Opera et dies, Scutum, Fragmenta Selecta*. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 1990.

VON WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. *Hesiodos, Erga*. Berlin: Weidmann, 1928.

WERNER, C. *Hesíodo, Trabalhos e dias*. São Paulo: Hedra, 2013.

WEST, M. L. *Hesiod, Works & Days*. Oxford: Oxford University Press, 1978.